



arauto

1970
Março-Abril
ANO XII
N.º 59

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor e Orientador: Dr. M. Madruga • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

<i>Redactores</i> J. Diogo, C. Montz, J. Ferreira, M. Frayão e J. Pires	<i>Chefe do Núcleo</i> COSTA RITA	<i>Administrador</i> LUÍS ALBERTO FRAGA
--	--------------------------------------	--

A AMIZADE

Sentimo-nos felizes quando neste mundo de paixões, interesseiro e agreste, des-cortinamos uma amizade leal e franca, não movida por razão oculta, mas sim, por aquele espirito de aproximação que entre todos os homens deve existir.

Ora, entre nós não é fácil encontrar essa amizade pura, idealista. E isto faz pena:—colegas que se desentendem por insignificâncias, o habitual «corte de casaca» feito, muitas vezes, injustamente, etc.

Em lugar de procurarmos um colega que está errado e tentarmos chamá-lo à razão, criticamo-lo e a maior parte das vezes sem conhecimento de causa.

Tentemos deixar isto. Sejamos honestos uns para com os outros, vejamos em cada um dos nossos companheiros um amigo.

Quando tivermos conhecimento de que alguém está em dificuldades, devemos tentar ajudá-lo com aquele espirito de amizade e solidariedade que deve presidir a todos os nossos actos.

Rapazes! Raparigas! Colegas todos! Vamos lançar a campanha da amizade vamos criar amigos na completa acepção da palavra. E, então, estaremos sempre juntos com aquela palavra amiga, aquele conforto moral que vale mais que todo o ouro.

Não será quando formos homens maduros que faremos o tal amigo que será como parte integrante de nós próprios.

Já alguém disse:

—Pode avaliar-se o valor dum homem pelo número de inimigos que ele tem.

Nós diremos:

—Podemos conhecer o valor dum homem pelos amigos que ele criou.

Horta, Abril de 1970

A Conquista do Espaço

Acontecimento n.º 1 do nosso século!

Quem diria que os sonhos dos idealistas como Júlio Verne seria um dia realidade!

Obra gigantesca a que o homem se abalançou, à

custa de muito trabalho e força de vontade, embora também não faltassem os desaires, sobre os quais também se constroi a vitória.

Num belo dia o «Cabo Kennedy» animou-se extraordinariamente: era a primeira aventura espacial americana tripulada, depois da vitória de Gagarine.

E até hoje inúmeras operações semelhantes se efectuaram, todas seguidas pelo mundo inteiro com todo o interesse e entusiasmo ou reprovação que estes acontecimentos suscitam.

Se nos reportarmos a um pouco antes, veremos todos os acontecimentos que proporcionaram a navegação no cosmos.

Uma lista de descobertas e de nomes de físicos, qui-

(Conclui na 2.ª página)

A VISITA do Senhor Presidente do Conselho



Durante as últimas férias da Páscoa visitou o nosso Distrito o Excelentíssimo Presidente do Conselho, Senhor Doutor Marcelo Caetano, que veio até às ilhas mais ocidentais de todo o nosso Portugal não olhando a incomodidades e com o propósito evidente de co-

nhecer pessoalmente os anseios do nosso povo.

Como estávamos em férias, não nos foi possível exteriorizar o nosso reconhecimento pela lição que assim era dada a todos.

Da nossa parte — Muito Obrigado, Senhor Presidente!

O que lê a nossa Juventude...

Que lemos nós, rapazes e raparigas de hoje?

Eis uma pergunta que, reflectindo bem, nos deixará cabisbaixos. E a verdade é que nem é necessária uma resposta directa dos interpelados.

A resposta àquela pergunta está nas livrarias ou papelarias, onde se expõe ao máximo a pornografia de que a mulher é o alvo.

Infelizmente nós, raparigas, frequentando aqueles lugares, de imundície iamos a dizer, olhamos para essas revistas passivamente, quando o não fazemos com

alguma curiosidade ou interesse, e não nos apercebemos de quanto anda assim desprezada a dignidade da mulher, a mulher moderna que exige igualdade de direitos com o homem. E o mais lamentável é que é ela própria muitas vezes que contribui para se publicar o que a coloca tão baixo!

De religião e moral nem se fala. Se alguma de nós tenta abordar tais assuntos, é logo posta a ridículo por estupidez ou preconceitos

(Conclui na 2.ª página)

A sociedade de hoje está numa completa mudança

A própria célula vital deste nosso aglomerado humano — a família — tende continuamente a desagregar-se. E muitas vezes porque se segue a direcção pais-filhos enquanto a direcção filhos-pais não é tomada em consideração.

Assim a juventude encontra-se num período, numa época de instabilidade.

O jovem actual é inconformista, não se adapta a uma sociedade feita pelos adultos nos quais reina o individualismo e o materialismo sem peias.

À sua volta, no seio daquela sociedade criada pelos adultos, o jovem vê muitas vezes vingarem aqueles que, como se diz, têm «padrinhos». Se o jovem é estudante, para quê estudar a fundo, de que lhe vale uma boa cultura, uma segura valorização através do estudo, se depois ao seu lado ele vê «um» sem a indispensável formação, sem cultura mínima necessária, com um «padrinho» que o lança ou coloca na sociedade?

O jovem sente-se ainda demasiado «amarrado» aos livros, vê-se sujeito a uma memorização exagerada, já que o ensino lhe parece não estar bem estruturado, e ainda às vezes sobrecarregado por professores que ocupam um lugar de ocasião e muitas vezes se afiguram pouco justos nas suas classificações.

A cultura integral é assim subvalorizada.

E o jovem caminha às cegas, aos tropeções.

Por isso ele anseia completa independência, os adultos não o compreendem, e de tudo resulta uma luta contínua para libertar-se deste estado de coisas.

Para evitar este inconformismo do jovem actual, é necessário, como hoje é moda dizer, o diálogo, a contestação - confronto de dois testemunhos, das opi-

niões diferentes, levando as duas partes a um ajustamento de que resulte a harmonia e o progresso.

É necessário uma completa compreensão entre o adulto e o jovem, que este evolua com aquele, que aquele compreenda as opiniões e dificuldades do jovem.

Finalmente é necessário que o diálogo entre o jovem e o adulto seja um diálogo aberto, franco, cheio de compreensão, culto e livre de enganos para que o jovem se forme integralmente e não se sinta enfadado de sofrer velhos.

BÉBÉ

(6.º ANO-F)

O que lê a nossa Juventude...

(Conclusão da 1.ª pág.ª)

do século passado. Portanto, nada dessas publicações.

Vasculhando os bolsos, as pastas, ou procurando entre os livros de estudo, que encontramos? São histórias aos quadrinhos, romances e novelas do mais baixo nível literário e moral.

E agora podemos perguntar:—De quem é a culpa?...

Dos jovens? Em parte, talvez sim. Mas note-se que não são os jovens «rebeldes», de cabelos compridos ou de vestuário diferente que publicam tais assuntos. Se os jovens vissem as livrarias adornadas com bons livros lê-los-iam, quanto mais não fosse que por mera curiosidade, e seriam melhores.

E é quando se julga que a evolução cultural atingiu o auge, quando se publicam livros úteis, de boa formação, que podem dar aos jovens da nossa época grande vantagem sobre a juventude do passado, que a formação, que a cultura é afastada da juventude!

Jovens! Meditemos sobre o erro de nos termos dedicado a determinadas leituras até hoje: que proveito tirámos delas? É tris-

A Conquista do Espaço

(Conclusão da 1.ª página)

micos, matemáticos, de homens célebres e de todos aqueles cujo trabalho desconhecido do grande público está ligado à sua história, contribuiu para esta obra fantástica, desde os primeiros foguetes, desde os satélites não tripulados até à «APOLO XI», a primeira nave espacial tripulada por homens, que chegou à Lua em 21 de Julho de 1969, comandada por Armstrong.

O feito da APOLO XI foi um êxito retumbante e o prémio máximo de todo o esforço humano sentido.

Mas a conquista da Lua não é um fim; é um meio para a expansão através do mundo desconhecido e fabuloso do cosmos.

A bandeira americana posta na superfície da Lua em nome da Humanidade, perante milhões de pessoas que seguiram pela televisão ou pela rádio a aventura empolgante do espaço, apenas significará um marco de passagem.

Que interesse tem isto tudo?

Porque não aplicam a sua atenção sobre assunto mais importante?

Há dias o mundo todo estava rezando aflito por 3 homens que se encontravam no espaço por sua livre vontade é certo, mas em risco de um suplício e de uma morte sem paralelo.

É um contrasenso tudo isto, não é? Seja ou não, a ciência pode e tem de evoluir, pois há lugar para tudo e não nos podemos remeter apenas num sentido. O mundo é amplo assim como o seu campo de acção, tendo cada um de nós a cumprir a missão para que foi destinado, e todos são precisos, até com as mais extravagantes contribuições.

Na história do mundo sempre existiram cépticos em todos os acontecimentos de vulto, e o «velho do Restelo», figura típica de Camões, também se aplica bem neste caso. Se há sempre quem discorde e critique, por mais e melhor que se faça, passemos ao largo.

Muito mais haveria a dizer, e rios de tinta correram e mais serão gastos, como é uso dizer-se, desde o princípio de tão importante assunto até à actual APOLO XIII. Muito se fez até aqui, mas a ciência ainda está muito longe de dizer a sua última palavra.

Num apelo, manifesto a minha esperança de que os homens saberão usar o poder extraordinário que possuem e que está ligado às viagens espaciais, nunca para o mal, como preconizam os cépticos, mas para o Bem de toda a Humanidade, fim primário e último da própria Ciência.

VIRNA

(6.º ANO-F)

te reconhecer que nada de bom nos ficou, e tanto que temos lido!

Raparigas! Protestemos todas contra as revistas que ofendem a nossa dignidade, desprezemos as publicações ordinárias e sujas que deveriam envergonhar quem tão desonestamente ganha a vida! Sejamos dignas da sublime missão que Deus nos confiou!

MARIA

(6.º ANO-F)

A CANTINA DO NOSSO LICEU

Como é já do conhecimento de todos os alunos, no dia 1 do mês de Abril corrente houve a inauguração da Cantina do nosso Liceu Nacional, na maior simplicidade mas traduzindo um valor muito expressivo.

Ao certo não sabemos de quem partiu a iniciativa, mas desde já qualificamo-la de feliz, pois trará muitos benefícios aos alunos que não moram na cidade, poupando-lhes incómodos

(Conclui na 3.ª página)

Os Universitários do Porto ENTRE NÓS

Foi sem dúvida bastante apreciável e válida a mensagem de arte que os Estudantes Universitários do Porto trouxeram até nós, a esta cidade perdida no meio do Oceano.

Sejam sempre bem-vindos (e são realmente) aqueles que nos comunicam qualquer coisa de novo do que se passa para além do mar que nos cerca, dentro ou fora do capítulo da arte.

A sua chegada fez-se ouvir o tradicional «F-R-A» por parte dos estudantes locais, numa fraternal saudação de estudantes para estudantes.

Tivemos a oportunidade de apreciar um agrupamento vocálico que, pelo seu nível artístico, goza actualmente de ampla projecção nacional e até internacional.

Sob a regência dum competente maestro o Orfeão Universitário do Porto interpretou composições nacionais e estrangeiras.

Foi excelente a selecção que os seus orientadores organizaram, sendo também de alto valor a sua interpretação.

Outro número de nível artístico elevado foi a actualização da conhecida e categorizada Orquestra de Tangos da Universidade do Porto.

Tiveram também grande interesse as exhibições de diversas danças folclóricas, representando várias regiões do nosso Portugal.

A «Orquestra clássica» foi alvo de estridentes gargalhadas, constituiu o número mais hilariante do espectáculo e deu-lhe aquela vida e alegria indispensáveis numa sessão daquele género.

Após o espectáculo e na noite seguinte foram organizadas reuniões dançantes dedicadas à ilustre caravana.

Foi também proporcionado um passeio à volta da ilha e ofertados um copo de água na Estalagem de

S.^{ta} Cruz e um Pico de Honra em casa do sr. Governador do Distrito.

Os Universitários levaram certamente para a capital do Norte, uma optima recordação desta sua viagem pela Madeira e Açores, pois receberam sempre bom acolhimento da gente das ilhas.

MÁRIO
(6.º ANO)

Da Carta de um Soldado

« (.) Ai metem-nos mais medo do que outra coisa. Para dizer a verdade, a única coisa que nesta vida nos custa são as saudades. Se não fossem elas, pouco custavam os dois anos passados no Ultramar. É verdade que temos dias bons e dias maus, mas também é verdade que são muito mais os bons que os maus, e mesmo estes não são tão maus como por ai se dizia. Temos alguns dias de mais sacrificio, mas que é isso para um bom português? (...)»

José Clemente da Fonseca

1.º Cabo Miliciano 104/67-S.P.M. 3866

(Transcrito da «CRUZADA»
com a devida fênia)

«Acampamento de Páscoa»

Realizou-se 15 a 21 de Março último, com cerca de 20 filiados o habitual Acampamento de Páscoa da Mocidade Portuguesa.

O local escolhido foi a Vila das Lajes do Pico, havendo a registar o excep-

(Conclui na 4.ª página)

A Cantina do nosso Liceu

(Conclusão da 2.ª página)

e oferecendo-lhes uma boa refeição. Sobre os factos que permitiram a sua abertura, sabemos que a Mocidade Portuguesa Feminina contribuiu com um subsídio da ordem das dezenas de milhares de escudos e que havia sido pedido havia já algum tempo, subsídio igual estando a ser esperado da Mocidade Portuguesa (masculina).

A sala destinada às refeições — o Refeitório — é bastante acolhedora, com 22 mesas para 4 pessoas cada uma, bem ordenada, gozando-se ali uma sensação de frescura e de bem-estar.

A cozinha, bastante ampla, está regularmente apetrechada com três mesões, dois fogões a gás, etc.

Uma vez recebido o esperado subsídio da Mocidade Portuguesa, pedido há mais de um ano, será então possível comprar-se um

refrigerífico para a conservação dos alimentos que não tenham tido ainda utilização, etc., uma máquina de fazer café, tão necessária principalmente durante os meses frios, e (agora desejo da rapaziada) uma máquina de fazer «sorvetes»

Ultimando a nossa apreciação, um obrigado a todos que de qualquer modo contribuíram para a nossa Cantina ser uma realidade, e parabens a todos os estudantes.

Moniz

Tão Longe!

Suspiros meus voai
Nas asas do vento!
Levai lá, longe,
Ao outro céu azul
Meu imenso ardor!
Mostrai que o fulgor
Vai nas núvens
Incandescentes do pôr do
soll
Voai minha saudade
No marulhar das ondas;
Minha recordação na onda
branca
Beijando a areia em carícias;
Meu canto no trinado
Harmonioso dos passari-
nhos;
Na beleza da noite de luar;
Meus sonhos nas estrelas
Trémulas, resplandecentes!
Na imensa abóbada
Revives em cada luz,
Estás sempre presentel
A tua sombra ondeia...
Ondeia...
Tão longel...
Tão longe quão perto
Do meu pensamento!

VIRNA

(6.º ANO-F)

«Acampamento de Páscoa»

(Conclusão da 3.ª página)

cional bom tempo e o franco acolhimento dispensado pelos Lajenses aos campistas.

Na quinta-feira o Acampamento foi visitado pelo Ex.º reitor do nosso Liceu, Sr. Dr. José Pinheiro, que também tinha assistido à partida e esteve presente à chegada da rapaziada.

Durante aquela maravilhosa semana foram praticadas várias actividades de campo que dispuseram muitíssimo bem a malta, que no sábado, mercê do programa, se viu forçada a regressar ao Faial mas cheia de óptima disposição para recomeçar os estudos.

Como nota única de mágoa houve a lamentar a não comparência do nosso professor orientador.

Exceptuando este facto, tudo o mais contribuiu para um aproveitamento salutar do já saudoso Acampamento de Páscoa de 1970.

Um Campista

Novo orientador do ARAUTO

Devido a alterações no horário escolar, o Sr. Dr. Tomás da Rosa deixou vago o cargo de orientador do nosso jornal.

Ocupou a vaga o Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga, velho e dedicado amigo do «ARAUTO».

Ao Sr. Dr. Tomás da Rosa tributamos os nossos agradecimentos pela colaboração que sempre nos dispensou. Ao Sr. Dr. Manuel Madruga desde já oferecemos o nosso melhor entusiasmo.

ASSIM SÃO os Estudantes...

No Rescaldo do Acampamento

(Três Inconfidências)

Disse-se que durante as noites do Acampamento da Páscoa, as carragas, em «coros celestiais», dulcificaram o sono dos campistas. Estes, por outro lado, também foram mimoseados com serenatas «maviosas» promovidas por um grupo de determinada barraca. Para tais «mestres», de uma vez, até bastou um violão com 4 cordas apenas! (Eram 4 horas da manhã...)

Um belo dia, ao terem notícia da visita do seu Director de Centro, para aparentarem grande actividade vestiram camisas «mais usadas»...

—Baleia! Baleia! Baleia!
Perante a notícia o An-

Esta é das autênticas

Quando nos visitam turistas, nós, estudantes, acoremos pressurosos a fim de «desenferrujarmos» a língua.

Há dias, num português arrevesado, um estrangeiro perguntava a um colega muito conhecido:

—Liceu ter muitos estudantes?

—Oui, Monsieur!

—Mais Meninos? Mais Meninas?

—Agora, la plupart são garçons.

dré, o Fraga, o Costa e o Dawling não pensaram duas vezes:—Ala p'ra baleia! Para o efeito foram à Delegação Marítima «tirar licença» para arraiarem à baleia. Mas o trabalho foi perdido, que as canoas não esperaram por eles.

A pressa era tanta que iam sem levar comida para o dia todo. Mas o vagar também era tanto que não chegaram a embarcar!

Foi bom terem chegado atrasados para aprenderem e para não se verem obrigados... a comer carne de baleia.

Pensamentos

A folha que voa poderás recuperá-la. O minuto que perdeste não volta mais.

Uma escada sem um degrau é mais difícil de subir:

Se perderes uma palavra só da lição do teu professor arriscas-te a não perceberes o que o teu professor disse.

Se tocares numa flor jamais poderás dizer que essa flor nunca foi tocada.

Os teus Pais vão morrer. Estás preparado para te sustentares se eles te faltarem agora?

Nem sempre ri melhor quem ri depois...

Esta passou-se no nosso Liceu, embora já há anos:

O Professor para amenizar a aula, resolveu contar uma anedota. Com vontade ou para agradar o professor, a malta riu a bom rir.

Serenados todos, a lição continuou. Dali a bocado um aluno dá uma grande gargalhada.

—Porque se ri? interpela o Professor?

—É que me estava a lembrar da anedota que o sr. Dr. nos contou.

Passados uns minutos crescidos, o Professor dirige-se ao aluno e dá-lhe ordem de saída da aula.

—Eu estava sossegado, sr. Dr.. Porque tenho de sair?

—É pela gargalhada que deu há bocado!

Primícias Poéticas...

Há uma arte de agradar
Muito simples e modesta
Que consiste em enrugar
As duas faces e a testal

Quem mais usa dessa manha
São os porteiros em demasia
E, por vezes, a artimanha
Tem o gosto duma «biar»

É ter arte no sorrir,
Não no sentido da expressão,

Pois é forçado:—é abrir
A boca e estender a mão

Stender a mão ao dinheiro
Da gorjeta dum comprado.
Não te fies num porteiro
Se não sairás roubado.

MONÓCULO